

Caça às bruxas e Guerras Civis na Inglaterra do século XVII: uma análise do panfleto *Wonderfull News from the North*, de Mary Moore

Lívia Bernardes Roberge*

Resumo: No século XVII a Inglaterra esteve imersa no caos político que foram as Guerras Civis (1640-1660), viraram a sociedade inglesa “de ponta-cabeça”. Entretanto, esse período vivenciou também a disseminação do medo de bruxas, com diversos episódios de caça voraz às bruxas na Inglaterra e na sua vizinha, a Escócia. O panfleto “*Wonderfull News from the North*”, de autoria de Mary Moore, que escreve para denunciar casos de possessão de seus filhos por uma suposta bruxa, Dorothy Swinow, é escrito e veiculado nesse contexto. Através da análise desse panfleto, busca-se demonstrar como o fenômeno da caça às bruxas esteve intimamente relacionado aos acontecimentos das Guerras Civis, responsáveis por influenciarem as emoções, medos e anseios dos sujeitos que as vivenciaram, ao passo em que a instabilidade política criou um cenário que permitiu às mulheres adentrarem o mundo do escrito.

Palavras-chave: Caça às Bruxas, Inglaterra, Guerras Civis, Panfletos.

Witch hunt and Civil Wars in seventeenth century England: an analysis of the pamphlet *Wonderfull News from the North*, by Mary Moore

Abstract: In the XVII century England was plunged in the political chaos of the Civil Wars (1640-1660), which turned the English society “upside down”. However, this period was also experiencing the dissemination of the fear of witches, with divers witch-hunts taking place in England and in it’s neighbor, Scotland. The pamphlet “*Wonderfull News from the North*”, written by Mary Moore, who writes in order to denounce the bewitchment of her children by the supposed witch Dorothy Swinow, is published in said context. Through the analysis of this pamphlet, we aim at demonstrating how the witch-hunt phenomena was intimately related to the events of the Civil Wars, which were responsible for influencing the emotions, fears and anxieties of the individuals who experienced it, whereas the political instability created a scenario that allowed women to enter the written world.

Keywords: Witch-hunt, England, Civil Wars, Pamphlets.

* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e Mestra em História pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista CAPES. E-mail: liv.roberge@gmail.com

Façam com que suas mulheres permaneçam caladas nas Igrejas: pois não lhes é permitido falar; elas devem ser comandadas a serem obedientes, tal como diz a lei. E se for para que aprendam alguma coisa, que seja perguntando aos seus maridos em casa: pois é uma vergonha que mulheres falem na igreja¹. (I Cor. 14:34-5 *apud* Hobby, 2001: 162).

A caça às bruxas é considerada um fenômeno essencialmente moderno. O processo de recrudescimento da ordem e centralização do poder na forma dos nascentes Estados Nacionais Modernos, característicos do período, associados às disputas de religião intrínsecas aos movimentos da Reforma Protestante e da Contrarreforma Católica, criaram um contexto onde a afirmação da ordem patriarcal se fez essencial para o próprio reforço da autoridade do Estado (Muchembled, 2001: 26). A misoginia, muito mais do que causa e finalidade exclusiva da caça às bruxas (Clark, 2006) foi, portanto, uma ferramenta, aprimorada para a construção de sociedades onde o poder encontrava-se centralizado, a violência passava a ser monopólio do Estado, os costumes eram reformados, os corpos controlados (Muchembled, 2001: p. 2), e as divisões que separavam as camadas sociais eram significativamente aumentadas.

O processo de ordenação e estruturação das sociedades passa, necessariamente, pelo campo do simbólico. O simbólico – literatura, religião, língua – opera de forma a organizar nossas práticas sociais, onde mobilizações de discursos constroem e disputam representações que, por sua vez, denotam o mundo social de sentido (Bourdieu, 1989: 10-12). Nesse entendimento, o simbólico não se encontra dentro de uma falsa dicotomia em oposição ao “real”, mas sim como seu estruturante (Bourdieu, 1999: 45), com o imaginário simultaneamente estruturando e sendo estruturado as/pelas relações sociais. Dessa forma, a construção das relações de gênero a partir de uma lógica profundamente desigual e hierárquica, com o masculino ocupando uma posição de opressão e superioridade frente ao feminino, não foge a essa lógica. Pierre Bourdieu percebe a dominação masculina, construída a partir das ideias de opostos, como a base para todas

¹ No original: “Let your women keep silence in the churches: for it is not permitted unto them to speak; but they are commanded to be under obedience, as also saith the law. And if they will learn any thing, let them ask their husbands at home: for it is a shame for women to speak in the church”. Tradução da autora.

as demais relações de dominação da sociedade. Bourdieu demonstra como a edificação da lógica patriarcal, como de toda relação de poder, perpassa as disputas e construções que se desenrolam no campo do simbólico, culminando no estabelecimento, por exemplo, do masculino como neutro, como a personificação da norma:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção; a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. [...] A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça [...]. (Bourdieu, 1999: 18).

À mulher, então, cabe ser o desvio da norma. Nesse sentido, a edificação do dogma católico ocupou lugar ímpar na ascensão de uma mentalidade misógina, estabelecendo a ideia de que enquanto a natureza masculina era inspirada por deus, a feminina o era pelo diabo (Muchembled, 2001: 8-9). Desde as confabulações acerca da origem do mal e da responsabilização pela queda, até a sacralização da percepção da mulher enquanto um ser inferior, mais susceptível às tentações do diabo, houve o esforço por parte da igreja católica em moldar essa mentalidade, a partir dos atributos do simbólico, de percepção da mulher como o bode expiatório dos males do mundo, como a grande responsável pela corrupção do homem (Greenblat, 2018). A compreensão desse processo faz com que não nos surpreenda as mulheres terem sido as principais vítimas das caças às bruxas: a construção da mentalidade que as vitimaria vinha sendo erigida e disseminada por uma das instituições mais poderosas do mundo moderno. Com o advento da Reforma Protestante, essa situação se intensificou, pois entra em cena a necessidade de disputar territórios de influência, fiéis e almas. Há o endurecimento dos dogmas e o aumento da vigilância sobre tradições populares potencialmente heréticas.

Para a estruturação dessa dominação através do simbólico, pode-se considerar que a literatura de rua desempenhou papel significativo na época moderna. Parte-se da compreensão da literatura enquanto representação, e não reflexo da sociedade, denotando o mundo de sentido e moldando imaginários no que se refere à ordem e ao desvio dessa mesma ordem, por

exemplo. Segundo Chartier, a noção de representação engloba três modalidades de interação entre os sujeitos e o mundo social: o trabalho de classificação e delimitação através dos quais a realidade é contraditoriamente construída; as práticas que fazem reconhecer uma dada identidade social; e finalmente, as formas institucionalizadas nas quais alguns representantes marcam a existência de um grupo ou comunidade (Chartier, 2002: 23). Desse modo, adota-se uma postura de concordância com as postulações de Roger Chartier no que tange literatura e representação:

A problemática do 'mundo como representação', moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real. Daí [...] o interesse manifestado pelo processo por intermédio do qual é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação. Tal tarefa cruza-se, de maneira bastante evidente, com a da hermenêutica, quando se esforça por compreender como é que um texto pode aplicar-se à situação do leitor, por outras palavras, como é que uma configuração narrativa pode corresponder a uma refiguração da própria experiência. No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma norma de compreensão de si próprio e do mundo. (Chartier, 2002: 24).

No âmbito da estruturação das relações de gênero no período moderno, a literatura, através da mobilização de discursos e representações, se mostrou como um rico artífice a partir do qual se constrói o padrão da "mulher ideal", bem como da bruxa, e do papel que o masculino deve protagonizar na sociedade, por exemplo. O historiador Anthony Fletcher, por exemplo, estudou uma série de manuais impressos que abordavam a temática dos diferentes códigos de honra (*honour codes*) prescritos aos homens e às mulheres entre os séculos XVI e XVII (Fletcher, 1985). Esses manuais apresentavam uma série de conselhos sobre a melhor administração do lar e da família, destilando o que respaldava a masculinidade (onde, notadamente, a sexualidade ocupava lugar central), e demonstrando a necessidade, em contrapartida, do controle da sexualidade feminina, pois nesta residia a totalidade da reputação da mulher (Chartier, 2002: 101).

Ou seja, através da literatura, construía-se e respaldava-se não só a hierarquização das relações de gênero, como a estruturação dessa sociedade, que tinha no núcleo familiar a base para o reforço da autoridade do Estado. Assim, a disseminação de representações em torno do masculino e do feminino através da literatura era parte estruturante da sociedade patriarcal da Inglaterra moderna. Através da leitura desses manuais, por exemplo, homens aprendiam quais códigos de conduta deveriam reproduzir para serem socialmente vistos como homens (Chartier, 2002: 105). Seguindo uma linha similar, Joy Wiltenburg (Wiltenburg, 1992) e Silvia Liebel (Liebel, 2013), por exemplo, produziram pesquisas evidenciando de que forma a literatura de rua (pensando, respectivamente, os casos inglês/alemão e francês) serviu como ferramenta para a construção e disseminação do que caracterizava uma mulher “desviante”, representações que, ao apontar o desvio da norma, erigiam, conseqüentemente, a própria norma.

Nesse sentido, a literatura de rua, impressa, potencializou de forma considerável a disseminação dessas ideias. O advento da prensa de tipos móveis proporcionou a diminuição do custo de produção e, conseqüentemente, do preço de venda (sobretudo se comparado aos livros) desses veículos literários. Impressos como panfletos, baladas, *broadsides* e *chapbooks*, no caso da Inglaterra (os equivalentes franceses seriam os *canards*), tinham um potencial de maior circulação, tanto em termos geográficos, como de recortes socioculturais, criando um novo mercado de disseminação de informações (Shepard, 1973). No caso da Inglaterra e de demais localidades afetadas pela Reforma Protestante, soma-se a questão de uma relativa maior acessibilidade letrada, pela percepção protestante em torno da importância do acesso direto ao texto bíblico traduzido, opondo-se à ideia da necessidade de mediadores da palavra divina (Cressy, 2006). Vale também ressaltar a dimensão oral que acompanhava esses impressos, que muitas vezes eram lidos em voz alta em lugares públicos, ou lidos para um grupo de pessoas, o que fazia com que seu alcance ultrapassasse as barreiras do letramento em si.

Posto isso, pensando o fenômeno específico da caça às bruxas, pode-se afirmar que os impressos ocuparam um papel indispensável para a ascensão

da *witch craze* que assolou a Europa (principalmente) entre os séculos XVI e XVII. Os impressos alavancaram a circulação de relatos de bruxaria, manuais demonológicos e de processos crime, mobilizando a visão de mundo mágica da época e disseminando não só o medo da bruxa, como também elementos que, em teoria, indicavam atos de bruxaria e que comprovariam a associação de indivíduos ao diabo. Não por acaso, na Inglaterra houve um pico no que se refere à perseguição de feiticeiras justamente durante um contexto notório na historiografia pela grande profusão impressa que o caracterizou: o das Guerras dos Três Reinos (1640-1660). A grande instabilidade política que marcou o período gerou uma relativa diminuição da censura por parte das autoridades com relação ao que estava sendo impresso. Ainda que não na teoria, na prática, experimentava-se uma “liberdade de expressão” mais alargada (Hill, 2003). O próprio surgimento da imprensa periódica na Inglaterra data desse período (Barnard, 2001: 1). Para além dos conflitos bélicos travados entre o exército de Charles I e o Exército de Novo Tipo, diversos embates se desenrolaram através da prensa, criando um verdadeiro mercado de informações onde uma gama um pouco mais variada de sujeitos conseguia ter acesso à disseminação de ideias, adentrando os debates religiosos, políticos e proféticos que marcaram o fértil cenário das guerras civis, mobilizando opiniões e crenças através da esfera pública² que se constituía na Inglaterra seiscentista (Lake; Pincus, 2006).

Foi justamente em meio a esse contexto que a *witch craze* inglesa adquiriu novo vigor, em parte justamente pela ascensão do protagonismo impresso – que auxiliou na disseminação do medo da bruxa e das formas através das quais identificá-la – como também devido à implementação do estatuto de bruxaria de 1604, que tentou incorporar as perspectivas da caça às bruxas da Europa continental na Inglaterra. Conforme colocado por Keith Thomas, na Inglaterra, a bruxaria era tradicionalmente tratada muito mais como um crime antissocial, do que como uma heresia (Thomas, 1991: 355),

² Sobre as discussões acerca das particularidades da esfera pública existente na Inglaterra durante o século XVII, e suas relações com a Reforma Anglicana e o mercado dos impressos, ver: HALASZ, Alexandra. *The marketplace of print: Pamphlets and the public sphere in early modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006; LAKE, Peter; PINCUS, Steve. “Rethinking the Public Sphere in Early Modern England”. *Journal of British Studies*, Cambridge, vol. 45, n. 2, p. 270-292, 2006.

com o malefício ocupando a centralidade das inquietações, e não o pacto demoníaco ou o sabá. Além disso, Thomas aponta que na Inglaterra havia também uma tendência à diferenciação das penalidades de acordo com o tipo de malefício, com a pena de morte sendo acarretada apenas em casos onde o malefício tivesse resultado em assassinato (Thomas, 1991: 355). A partir do Ato sobre a bruxaria de 1604, houve então uma tentativa de aproximar a percepção inglesa sobre a bruxaria da continental, onde qualquer tipo de magia indicava pacto com o demônio e, portanto, heresia. Na sequência dessa tentativa de “fortificação” da penalidade e perseguição das bruxas da Inglaterra seiscentista, Thomas também aponta que as guerras civis haviam desarticulado o funcionamento dos mecanismos judiciais normais, com casos de bruxaria sendo julgados por juízes de paz ao invés de juízes de direito, o que teria possibilitado o surgimento do “fenômeno Hopkins³” (Thomas, 1991: 372).

Tem-se então uma nova dimensão a ser alcançada dentro da lógica de perseguição às bruxas. O panfleto a ser aqui analisado constitui uma amostragem particularmente interessante para refletirmos sobre a intersecção existente entre caça às bruxas e impressos, além das possibilidades de agência feminina suscitadas pelo contexto das guerras civis que assolavam a Inglaterra em meados do século XVII, disputando essas lutas travadas no meio simbólico. Intitulado *Wonderfull News from the North*⁴ (título resumido⁵), em português “Notícias Maravilhosas do Norte”, esse panfleto foi impresso em 1650⁶, em Londres, e ocupa um lugar singular

³ Matthew Hopkins foi um “caçador de bruxas profissional” que atuou na Inglaterra durante a década de 1640, tendo sido responsável por um aumento na punição de casos de bruxaria com a morte, algo não usual na Inglaterra até então. Para mais informações sobre Hopkins, ver: “Matthew Hopkins” In: NOTESTEIN, Wallace. *A History of Witchcraft in England, From 1558 to 1718*. Auckland: The Floating Press, 2013. P. 130-158.

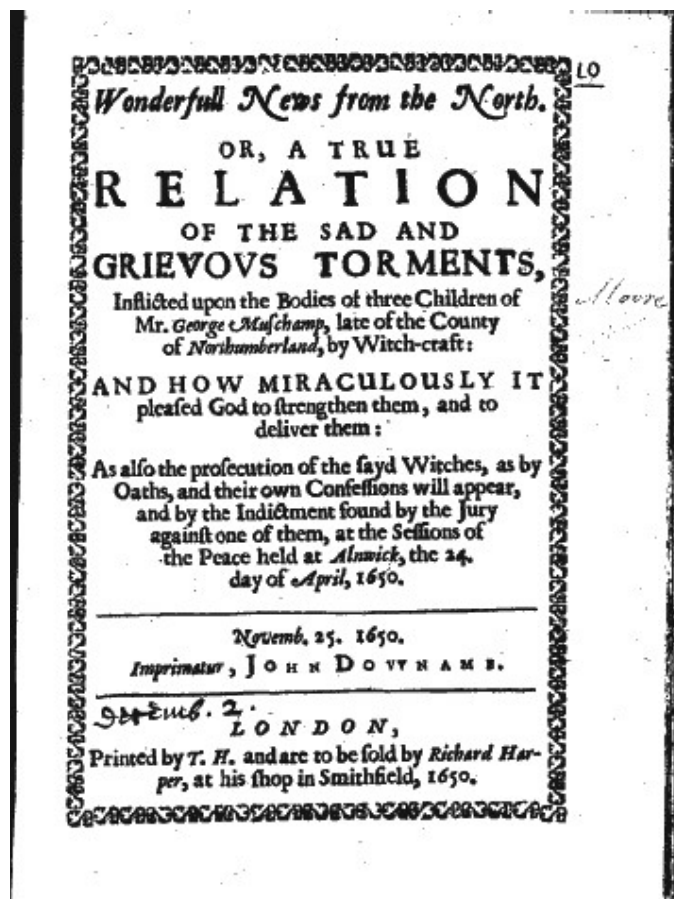
⁴ A cópia aqui analisada é a que consta na coleção de George Thomason, preservada na *Thomason Tracts* da Biblioteca Britânica.

⁵ O longo título completo é característico dos panfletos do gênero do período, que consiste em um resumo da história que será apresentada no panfleto: “*Wonderfull news from the north. Or, a true relation of the sad grievous torments, inflicted upon the bodies of three children of Mr. George Muschamp, late of the county of Northumberland, by witchcraft, and how miraculously it pleased God to strengthen them, and to deliver them: as also the prosecution of the said witches, as by oaths, and their own confessions will appear, and by the indictment found by the jury against one of them, at the sessions of the peace held at Alnwick, this 24 day of April, 1650*”.

⁶ A data de impressão que consta no frontispício é 25 de novembro de 1650. Há, ainda, uma anotação na primeira página onde se lê “*decemb. 2.*”, “2 de dezembro”, muito provavelmente

dentro da produção impressa sobre bruxaria na Inglaterra, devido à questão da autoria: é o único panfleto do gênero cuja autoria é atribuída a uma mulher, Mary Moore e, ao que tudo indica, ao publicar esse panfleto, ela não agiu em consonância com a aprovação de seu marido, Edward Moore.

Figura 1: Frontispício do panfleto *Wonderfull News from the North*, 1650.



Fonte: *Thomason Tracts* – EEBO – Acervo da Biblioteca Britânica.

Impresso por Thomas Harper em sua loja em *Little Britain*, a ser vendido pelo seu irmão, o livreiro Richard Harper, em sua loja em *Smithfield*, na região da *St. Paul's Churchyard* – o coração pulsante do mercado livreiro londrino seiscentista –, *Wonderfull News from the North* conta com trinta

tendo sido feita pelo livreiro George Thomason (como era seu hábito), fazendo referência a data na qual ele adquiriu o panfleto, 2 de dezembro de 1650. Curiosamente, nos registros da coleção de Thomason, a data de entrada na qual o panfleto foi catalogado foi 24 de abril de 1650 (data onde supostamente se desenrola um dos julgamentos presentes na narrativa), podendo ter se tratado de uma confusão do livreiro já que ambas as datas constam no frontispício.

páginas, formadas pelo frontispício e por alguns paratextos: um prefácio ao leitor assinado por Mary Moore; um relato dos acontecimentos ocorridos entre 1645 e 1647; um depoimento de Margareth Muschamp sobre seu último “surto”, em fevereiro de 1647; a confissão de bruxaria de Margaret White e, por fim, o indiciamento de Dorothy Swinow por bruxaria. No frontispício, consta ainda um *imprimatur*⁷, John Downname⁸ (1571-1652), clérigo e teólogo inglês que integrou a oposição ao Cardeal William Laud, tomando parte no grupo *Wesminster Assembly*, conselho que reunia teólogos e membros do parlamento dedicados à reestruturação da Igreja Anglicana (Seaver, 2008). O fato de constar no frontispício do panfleto todas as informações que teoricamente um panfleto dessa época deveria trazer, sobretudo possuindo um *imprimatur*, já nos fornece um indicativo de que seu conteúdo passou pelo crivo das autoridades e não caracterizava um material sedicioso, radical ou “perigoso” na perspectiva dos censores.

No que diz respeito à sua materialidade, a tipografia utilizada é a *Roman type*, com alguns usos de *Italic type* para denotar ênfase. O panfleto conta com alguns adornos na forma de xilogravuras, um indício (além do número de páginas) de que não se tratou de um trabalho exatamente barato. Na página de início dos relatos, acima do título, consta uma gravura que contém Rosas Tudor, Thistles e Flores de Linho, símbolos da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda, respectivamente. Ao centro, chama-nos atenção o que parece ser uma Flor de Lis, símbolo tradicionalmente utilizado para representar a monarquia.

⁷Um *imprimatur* consistia em uma declaração que autorizava a publicação de um livro/impresso no que tange ao seu conteúdo, estando atrelado à Companhia dos Estacionários (Clegg, 2008: 134).

⁸Ou “Downham”, as duas grafias aparecem em registros a respeito dele.

Figura 2: Gravura da página 1.



Fonte: *Thomason Tracts* – EEBO – Acervo da Biblioteca Britânica.

A escolha dessa gravura para ornar o panfleto pode estar atrelada ao título do próprio: *Notícias Maravilhosas do Norte*. O caso, como veremos a seguir, se passou no condado de Northumberland, no extremo norte da Inglaterra, região de fronteira com a Escócia. Pode-se supor que o impressor tenha julgado que pautar a ambientação no norte longínquo, quase “exótico”, despertaria a curiosidade do público londrino – daí a escolha por uma gravura onde figuram marcadamente alguns Thistles, flor bastante característica do norte da Grã-Bretanha. No prefácio do panfleto, encontramos a motivação por trás de sua escrita e publicação: Mary Moore (nossa suposta autora⁹, quem assina o prefácio) relata os malefícios que vinham afligindo seus filhos, em busca de denunciar a impunidade para com a suposta bruxa responsável por tais atos, Dorothy Swinow, cujo indiciamento pela justiça não havia dado sequência a um julgamento.

Após o prefácio, tem início o relato do caso propriamente dito. Resumidamente, conta-se que no condado de Northumberland, próximo à cidade de Berwick, Margaret Muschamp, filha de onze anos de Mary Moore e George Muschamp, seu falecido marido, membros da *gentry* local, começa a sofrer uma série de “surto” a partir de 1645, intercalados por momentos de

⁹ A narrativa do panfleto alterna-se entre a primeira e a terceira pessoa do singular (o que, inclusive, torna o relato consideravelmente mais difícil de ser compreendido), levando diversos estudiosos a tecerem dúvidas sobre a redação do panfleto ser exclusivamente de Mary Moore. Atualmente, a hipótese mais bem aceita pelos historiadores é a de que o panfleto foi formado a partir da junção de diversos textos produzidos ao longo do período no qual a história se desenrola (1645-1650), com trechos escritos por Mary Moore, sua filha Margaret Muschamp, e potencialmente terceiros, com Moore tendo sido a responsável por reunir e juntar estes textos (e os documentos contendo o relato da confissão de bruxaria de Margaret White e o indiciamento oficial de Dorothy Swinow) para sua publicação (Almond, 2004: 358-359).

melhora (geralmente devido orações) e de retomada do quadro. Num primeiro momento, os episódios da menina são caracterizados por visões divinas, onde ela recita salmos que, segundo sua mãe, ela não conhecia, via e ouvia anjos, alegando que deus a escolhera para tal provação e que ela as suportaria de bom grado. Além disso, ela era tomada por episódios de inapetência e perda das capacidades da língua e dos membros¹⁰, além de ser acometida por vômitos de pedras e alfinetes. Num segundo momento, após seu irmão mais velho também começar a apresentar sintomas similares, os tranSES de Margaret adotam características mais “violentas”, com Margaret se defendendo fisicamente de ataques, auxiliada por seus anjos, referenciando pela primeira vez seu atacante como “ele” (*he*):

[...] ela parecia se proteger com as mãos e com a roupa de cama de golpes, decifrando uma miserável criatura que depois ela nos descreveu: Algumas vezes ele a atacaria na forma de um Dragão, de um Urso, um Cavalo ou Vaca: [...]; e ela dizia que coisas boas lutavam por ela, e ainda conseguiam derrotá-lo: As Armas do inimigo eram um Porrete, um Bastão e uma Adaga; [...]¹¹. (Moore, 1650: 5).

A partir dessa mudança no padrão dos surtos, o caso começa a ser encarado como um malefício. Durante um dos episódios a menina escreve as letras “Jo Hu. Do. Swo.”, dizendo referenciar os responsáveis por suas aflições, as quais foram atribuídas por sua mãe e prima a John Hutton – de quem “suspeitava-se que podia fazer mais do que era permitido por deus”

¹⁰ Diane Purkiss e Kirsten C. Uszkalo apontam como o fenômeno de crianças possuídas e enfeitadas durante a modernidade estava também atrelado à possibilidade da criança em questão desafiar a ordem parental. Uma criança inapetente não respeita a hora das refeições, por exemplo, e passa a ocupar um lugar de atenção não só dentro da família, como também dentro da comunidade, dada a espetacularização que acompanhava muitos desses casos de possessão e feitiçaria. Além disso, como veremos adiante, há indícios de que o núcleo familiar formado pelos Moore e pelos Muschamp era potencialmente conflituoso, o que talvez tenha feito com que o advento de uma possessão pudesse colocar uma criança que se sentisse negligenciada, dada a nova organização do lar, novamente no centro das atenções familiares e, sobretudo, maternas. Para mais informações sobre possessões de crianças como uma forma de rebelar-se à ordem dos pais, ver: PURKISS, Diane. “Prophecy and Bewitchment in the Case of Margaret Muschamp”. *Tulsa Studies in Women’s Literature*, vol. 17, n. 2, 1998, p. 235-253; USZKALO, Kirsten C. *Bewitched and Bedeviled. A Cognitive Approach to Embodiment in Early English Possession*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

¹¹ No original: “[...] she seemed to save herself with hands and bedclothes from blowes, deciphering a wretched creature as we all after knew by her description: Sometimes he would fight her in the shape of a Dragon, of a Bear, a Horse or a Cow: [...]; and good things, she sayd, fought for her, and still got better of him: The enemies Weapons were a Club, a Staffe, and a Dagger; [...]”. Tradução da autora.

(Moore, 1650: 7) e Dorothy Swinow, esposa do Coronel Swinow, com quem Mary demonstra possuir certa antipatia prévia, uma vez que sua sobrinha relata que em sua ausência, “a Sra. Swinow veio ver a criança enquanto você estava fora e falou mal de você [...]”¹² (Moore, 1650: 6). A partir daí, Moore busca Hutton e o questiona sobre as aflições de sua filha, alegando que ele reiterou que a responsável pelos males da menina era Swinow, e que ela era também responsável pela morte de uma irmã de Moore, Lady Margery Hableton. Na sequência, Moore denuncia ambos ao juiz de Nuham e Hutton é preso, eventualmente morrendo na cadeia, mas com relação a Swinow, nada é feito.

Assim, iniciam-se as tentativas de Mary Moore de que Dorothy Swinow seja indiciada e julgada por seus supostos malefícios, prestando queixas contra ela frente a diversos juízes de diferentes cidades. Mas de imediato, fica claro que, por ser consideravelmente menos vulnerável socialmente (Dolan, 1994: 233), dada sua distinta posição enquanto esposa de um Coronel, uma acusação de bruxaria sobre Swinow não seria tão facilmente acatada. Ela não integrava o grupo de mulheres à margem da sociedade, que configuraram as maiores vítimas de processos de bruxaria não só na Inglaterra, como em toda Europa. Em uma ocasião, Moore consegue um indiciamento para Swinow, em Durham, mas ela não consegue fazer com que o mandado seja cumprido. Nesse meio tempo, outra de suas filhas começa a apresentar os mesmos sintomas.

A dificuldade de Moore em conseguir com que Swinow seja julgada provavelmente não se resumiu à posição social ocupada pela acusada, mas também pelo contexto da caça às bruxas no norte da Inglaterra durante esse período. “Não era fácil enforcar bruxas no Norte”, já dizia Wallace Notestein (Notestein, 2013). Aparentemente, na Escócia e no norte da Inglaterra, houve um pico de acusações de bruxas nas mãos de caçadores de bruxas e de *prickers*¹³, entre 1649 e 1653, passando a uma queda drástica não só nas

¹² No original: “Mrs. Swinow came to see the childe when you were away, and spake harshly of you [...]”. Tradução da autora.

¹³ Na Inglaterra e na Escócia, acreditava-se que a bruxa possuía uma marca no corpo, a “marca da bruxa”, normalmente associada ao local onde o Diabo a tocou quando do pacto, bem como uma via através da qual a bruxa alimentava seu diabrete (*familiar*) (Thomas, 1991). Dentro dessa crença, tal marca quando perfurada ou espetada não sangrava e também não doía.

acusações de bruxas, mas nos próprios aceites de acusações por parte das autoridades, entre 1653 e 1659. O motivo para isso, na perspectiva de Notestein, estava na postura de leniência adotada pelo governo de Cromwell com relação à bruxaria, além de um profundo desinteresse e suspeita com relação aos supostos caçadores de bruxas - muitos, inclusive, serão perseguidos e presos no período Cromwelliano (Notestein, 2013: 173). Tinha-se assim um contexto de maior ceticismo com relação à bruxaria, após os excessos dos caçadores, o que respalda a dificuldade alegada por Moore em conseguir apoio de familiares e conhecidos, como veremos a seguir. Ou seja, nem o contexto e nem a posição social da suposta bruxa eram favoráveis à sua condenação.

No paratexto que se segue, o relato de Margaret Muschamp de seu último surto, em 2 de fevereiro de 1647, tomamos ciência de outro problema que estava sendo enfrentado por Moore: de convencer não só as autoridades, mas também pessoas de seu cotidiano, como seu próprio marido, a acreditar na natureza sobrenatural das aflições que acometiam seus filhos. Margaret culpa Swinow por isso também, e exalta sua mãe como a mais diretamente afligida por tudo que se passava, “Eles estão tentando de todas as formas possíveis conseguir o poder de atormentar a minha Mãe, eles estão buscando atormentá-la de um modo sobrenatural”¹⁴ (Moore, 1650: 22) sendo esse o verdadeiro objetivo da bruxa, causar mal à sua mãe:

[...] sem Justiça lá fora, sem Paz em casa, o que há de se passar com sua mão? Pois aquela ladra Descrente DOROTHY SWINOW, instigada pelo Demônio, endureceu os corações dos Juízes e da Justiça contra ela, e agora nesse instante (disse ela) está usando meios para endurecer o coração de seu marido contra ela também (que ela sabe que será o mais cruel de todos com ela) e que com tudo isso começou a consumir sua irmã mais velha, e que ela iria essa noite, ou amanhã de manhã, até o Juiz, para implorar mais uma vez por Justiça [...] ¹⁵ (Moore, 1650: 14).

Logo, os *prickers* (literalmente “furadores”), eram os responsáveis por realizar o teste de espetar a marca da bruxa para ver se os sintomas acusariam um pacto demoníaco por parte da acusada.

¹⁴ No original: “They are trying all ways in the world to have power to torment my Mother, they are seeking to torment her by an unnatural way [...]”. Tradução da autora.

¹⁵ No original: “[...] no Justice abroad, no Peace at home, what should become of her mother? For that Godlesse thief DOROTHY SWINOW, by the instigation of the Divell, has hardened the heart to both Judges and Justices against her, and now at this instant (sayd she) is using

Os últimos dois paratextos que compõem o panfleto geram certa reviravolta no caso. Primeiro temos a confissão de uma Margaret White¹⁶, onde ela alega ser serva do diabo há 5 anos. Segundo ela, o diabo a visitou na forma de um homem trajando vestes azuis, beliscou-lhe no ombro e nas costas e deu-lhe um diabrete familiar na forma de um galgo preto – elemento bastante característico da crença em bruxas na Inglaterra (Thomas, 1991: 362) Ela admite ainda ter mantido relações sexuais com o diabo algumas vezes (Moore, 1650: 24), e alega ser a responsável pelos tormentos dos filhos de Mary Moore, juntamente com sua irmã, Jane Martin, e Dorothy Swinow. A nova informação que a confissão de White nos traz é a de que Mary Moore esteve grávida de seu novo marido (Edward Moore), e que durante sua gravidez, Swinow tentou “consumir a criança que Mary Moore levava no ventre”, sem sucesso. Contudo, a criança em questão, Sibilla Moore, faleceu ainda bebê, e White clama que Swinow foi a responsável por sua morte (Moore, 1650: 25). Deparamo-nos, então, finalmente com uma morte, um dos poucos elementos que tradicionalmente acarretavam com que processos de bruxaria fossem levados à cabo na Inglaterra, podendo resultar em pena de morte para a acusada (Thomas, 1991: 364).

Não por acaso, no último paratexto do panfleto, o indiciamento de Dorothy Swinow, vemos que Mary Moore consegue com que sua inimiga seja (finalmente) acusada de bruxaria não exatamente por conta dos supostos feitiços lançados sobre suas filhas e seu filho, mas sim pela morte de Sibilla Moore. Em sua acusação, lê-se:

Enquanto que/Considerando que a Viúva Dorothy Swinow de Chatteon fica indiciada nesta Sessão de várias Bruxarias, Encantamentos, Feitiços e Feitiçarias, e especialmente por ter usado e praticado as ditas Artes Diabólicas sobre Sibilla Moore uma Criança e Filha da Viúva Sra. Mary Moore: É portanto Ordenado pela Corte e pelo Xerife de tal Condado, seus Oficiais de Justiça, demais Oficiais e todos a que possa interessar, são assim obrigados a apreender imediatamente o corpo de dita Dorothy Swinow & transportá-la ao Ofício de dito Condado, lá

means to harden her husbands heart against her too (which she knows will be cruelest to her of all) and with all begun to consume her eldest sister, and that she would this night, or tomorrow morning go to the Judge, beg once more for Justice [...]”. Tradução da autora.

¹⁶ White não é mencionada em nenhum outro momento da narrativa, e buscas sobre fontes e informações adicionais sobre ela se revelaram infrutíferas.

devendo permanecer até que ela seja devidamente julgada pela Lei. 36 de Abril de 1650¹⁷. (Moore, 1650: 27).

Entretanto, ao que tudo indica, mais uma vez Moore não obteve sucesso em fazer com que a acusação fosse cumprida e Swinow julgada. Eis, portanto, sua motivação para a publicação do panfleto: tornar público seus tormentos, denunciar as injustiças pelas quais ela acreditava estar passando com a falta de ação dos juízes. Uma característica forte da narrativa do panfleto, portanto, é a menção constante da existência de testemunhas para cada episódio relatado. Cada etapa da narrativa é acompanhada de uma (por vezes extensa) lista de testemunhas dos acontecimentos, numa clara tentativa de comprovar sua veracidade, vide o intuito que o panfleto tem, o de mobilizar opiniões e angariar apoio, já que no desenrolar da história fica claro que Moore estava tendo dificuldades em se fazer crer quanto à origem dos males que afligiam seus filhos – inclusive por parte de seu próprio marido. O motivo que levou Moore a escrever, portanto, nos remete de imediato a uma questão em particular: a mobilização de paixões e opiniões através da esfera pública como uma estratégia para a tentativa de alcançar um objetivo.

No contexto do século XVII, uma esposa tomar uma ação, a despeito da reprovação de seu marido, nos suscita uma série de reflexões, sobretudo se considerarmos o ambiente familiar potencialmente conflituoso dos Moore - Muschamp. Ambos Mary e Edward estavam em seu segundo casamento, sendo viúvos e possuindo filhos das primeiras uniões (Mary tinha 2 filhos e 3 filhas de George Muschamp, enquanto Edward tinha 6 filhos e 1 filha de seu primeiro casamento). Frances E. Dolan nos atenta para os conflitos que permeavam as chamadas “famílias mistas” nesse contexto. Para ela, a própria narrativa construída por Moore no panfleto revela muito mais sobre

¹⁷ No original: “Whereas Dorothy Swinow of Chatteon Widdow, doth stand indicted at this Sessions of divers Witchcrafts, Inchantment, Charms, and Sorceries, and especially for using and practising the sayd Diabolicall Arts upon Sibilla Moore an Infant and Child of Mrs. Mary Moore Widdow: It is therefore Ordered by the Court, and the High Sheriff of the sayd Country, his Bayliffes and Officers, and all others whom it may concern, are hereby required forthwith to apprehend the body of the sayd Dorothy Swinow, & her to carry & convey unto the Goal of the said Country, there to remain until she be thence delivered by due course of Law. 26 april 1650”. Tradução da autora.

os problemas familiares enfrentados pela autora, do que sobre a bruxaria em si:

[...] a autora, mãe das crianças possuídas, produz um texto fragmentado e contraditório que defende as alegações de feitiçaria das crianças, mas simultaneamente revela uma história alternativa de conflito entre esposos e entre padrastos e enteados. Em suas tentativas de refutar a segunda narrativa, a autora a torna acessível a nós¹⁸. (Dolan, 1994: 231).

E mais adiante:

Único dentre os panfletos de relatos de bruxaria ao identificar sua autora como uma mulher, este texto revela as dificuldades em criar uma família a partir de duas através do casamento. No caso dos Muschamp e dos Moore, conforme relatado por Mary Moore, ao tornar esse atrito familiar visível, as acusações de bruxaria tanto deslocam a culpa disso para alguém de fora, quando exacerbam dito atrito¹⁹. (Dolan, 1994: 233).

Logo, Mary se coloca a escrever para tentar angariar apoio para sua causa, já que não consegue obter o apoio de seu próprio marido, além de se deparar com um sistema judicial não propenso ao processamento de casos de bruxaria, muito menor quando a acusada pertencia a uma ordem social abastada. Mas além das tensões familiares, há ainda outro conflito que se faz presente nas entrelinhas da narrativa de Moore, e que está intimamente relacionado à sua escolha de mobilização da opinião pública: as próprias guerras civis. Berwick pode não ter sido o epicentro dos conflitos entre rei e parlamento, mas certamente não passou impune aos acontecimentos da guerra. Devido à sua posição fronteiriça com a Escócia, a cidade passou por sucessivas ondas de invasões, ora pelos presbiterianos escoceses no início dos conflitos, ora pelos exércitos de Charles I e de Oliver Cromwell, além de

¹⁸No original: “[...] the author, mother of the possessed children, produces a fragmented, contradictory text that defends the children’s claims of bewitchment yet simultaneously reveals an alternative story of conflict between spouses and between stepparents and stepchildren. In her attempts to refute the second narrative, the author makes it available to us”. Tradução da autora.

¹⁹No original: “Unique among the pamphlet accounts of witchcraft in identifying its writer as a woman, this text reveals the difficulties in creating one family out of two by means of marriage. In the case of the Muschamps and Moores, as told by Mary Moore, in making this familial friction visible, accusations of witchcraft both displaced blame for it onto an outsider and exacerbated it”. Tradução da autora.

ser uma localidade estratégica por estar na rota do carvão que ia da Escócia até a Inglaterra (Purkiss, 1998: 243). Sobre as relações entre bruxaria e guerra civil, e a manifestação de possessões como um reflexo das ansiedades causadas pelos conflitos e internalizadas pelos sujeitos, Purkiss coloca:

Possessão por bruxaria, ou opressão, como os demonólogos chamavam, difere de outros tipos de possessão pelo envolvimento de uma bruxa, que pode ser a agente da possessão ou uma condução para um demônio. De qualquer forma, o corpo do possesso foi invadido por uma força externa estranha e hostil. Era tanto natural quanto inevitável que tamanha invasão pessoal tenha vindo a ser relacionada com as invasões militares ocorrendo na mesma época. Os polemistas fatídicos da Guerra Civil fizeram desta uma suposição natural ao utilizarem a bruxa como uma metáfora política: muitos comentadores interpretavam a proliferação de julgamentos de bruxas nos Condados Associados como um sinal de desordem, enquanto outros insistiam que figuras proeminentes mantinham suas posições com ajuda de magia negra; isso era dito tanto sobre o Príncipe Rupert quanto de Oliver Cromwell. [...] A bruxaria sempre foi politizada²⁰. (Purkiss, 1998: 243).

De igual maneira, diversos casos de bruxaria relatados no período teciam relações íntimas com o contexto das disputas entre rei e parlamento. Durante a alta da caça às bruxas em Northumberland, Notestein inclusive aponta que algumas mulheres, ao confessarem práticas de bruxaria, alegavam tê-las cometido em auxílio ao exército de Cromwell, ainda que, conforme apontado pelo autor, não tenhamos conhecimento do quanto isso possa de fato ter auxiliado em seus julgamentos (Notestein, 2013: 160). Pode-se ainda elencar a ideia de que “a bruxaria é fundamentalmente sobre um mal físico causado por emoções”²¹ (Ostling; Kounine, 2016: 3), nos levando a refletir sobre em que medida o trauma das guerras civis, associado

²⁰ No original: “Possession by witchcraft, or oppression, as demonologists called it, differed from other possession in the involvement of a witch, who might be the possessing agent herself of the conduit for a devil. In any case, the body of the oppressed was invaded by a strange and hostile external force. It was both natural and inevitable that such a personal invasion should come to be linked with the military invasions occurring at the same time. The factious polemicists of the Civil War had made this a natural assumption by using the witch as a political metaphor: many commentators interpreted the proliferation of witch trials in the Association Countries as a sign of disorder, while others insisted prominent figures maintained their position by black magic; this was said about both Prince Rupert and Oliver Cromwell. [...] Witchcraft was always already politicized”. Tradução da autora.

²¹ No original: “witchcraft is fundamentally about physical harm caused by emotions”. Tradução da autora.

ao estresse e à ansiedade de se habitar uma localidade onde ocorreriam sucessivas invasões e ocupações militares, pode ter impactado nos episódios de possessões e bruxaria do período. Dessa forma, mais uma vez percebemos que bruxaria e guerra civil são elementos muito mais interseccionados na Inglaterra seiscentista do que se pensaria num primeiro momento.

Invariavelmente, isso nos leva a refletir sobre a posição da família Moore-Muschamp sobre os conflitos. Nesse sentido, chama a atenção na narrativa de Moore o fato de que em determinado momento, o estopim para a retomada dos surtos de Margaret Muschamp foi o tiro de um mosquete disparado pelo exército realista em Berwick (Moore, 1650: 4). Purkiss, por exemplo, interpreta que esse episódio serve para demonstrar em qual lado da guerra civil repousa o apoio desses indivíduos, promovendo uma interpretação da possessão de Margaret quase como uma metáfora para a guerra civil em si:

Margaret reagiu ao tiro de mosquete da forma como outras meninas possuídas reagiam à presença física da bruxa. [...] A lógica da possessão envolve pegar um mal intangível ou mesmo abstrato e lhe dar uma presença, exatamente o que a guerra fez para as políticas do Estado e da Igreja. De qualquer modo, conflitos religiosos e políticos estavam intrincados com os anos das Guerras Civis. Quando Margaret Muschamp chama a bruxa que a atormenta de “aquela ímpia Dorothy Swinow”, ela relaciona Dorothy com as forças da escuridão; e ela relaciona a guarnição de Berwick com essas mesmas forças. Isso não é meramente uma metáfora, mas um sinal para os leitores do panfleto do lado onde está a guarnição Realista, e transforma os próprios conflitos de Margaret com seus “atormentadores” em parte da guerra²². (Purkiss, 1998: 244).

Além disso, ao depor perante o juiz em determinado momento, a menina tece um comentário enaltecendo, nas entrelinhas, o caráter meramente mortal e terreno do rei recém executado, enaltecendo deus como o único e verdadeiro rei:

²² No original: “Margaret reacts to musket fire as other possessed girls reacted to the physical presence of the witch. [...] The logic of possession involves grasping an intangible or even abstract evil and giving it presence, exactly what the war did for state and church politics. Religious and political conflict were intertwined in the Civil War years in any case. When Margaret Muschamp calls the witch who torments her “that godlesse thing Dorothy Swinow”, she links Dorothy with the forces of darkness; and she links the Berwick garrison with the same forces. This is not merely a metaphor but a sign to the pamphlet’s readers of the side taken by the Royalist garrison, and it transforms Margaret’s own struggle with her “tormentors” into a part of the war”. Tradução da autora.

[...] com as suas mãos levantadas, e olhos fixados sobre os sujeitos, ela implorou por Justiça em nome do Senhor, em nome de Jesus Cristo; dizendo eu devo pedir Justiça pelas Leis do Reino, em nome de nosso Soberano o Rei, mas eu não imploro em nome de nenhum homem mortal, apenas em nome do Rei dos Reis, Justiça em nome de Cristo, [...]”²³. (Moore, 1650: 15).

Em contrapartida, uma leitura atenta chama a atenção para a utilização do antigo calendário anglicano ao longo de toda a narrativa, cujo uso vinha sendo combatido pelo puritanismo dos parlamentaristas (Purkiss, 1998: 240). Além disso, o impressor Thomas Harper parece ter sido acusado de imprimir uma série de panfletos que criticavam a causa do parlamento durante guerra civil, tendo sido acusado então de simpatias regalistas (seria esse o motivo por trás da gravura contendo a Flor de Lis?), enquanto o *imprimatur*, conforme mencionado anteriormente, era partidário da causa do parlamento. Num primeiro momento, tais informações podem parecer contraditórias, tornando difícil destilar qual posicionamento os Moore-Muschamp teriam adotado durante as guerras civis, bem como entender como se davam as relações entre indivíduos que, em teoria, estavam em “lados opostos” do conflito. Entretanto, tal configuração nos aponta que a questão dos apoios às causas parlamentar ou regalista operaram de forma muito mais fluida do que gostaríamos nós, historiadores, para a facilidade de nossas análises. A aparente antipatia pela causa régia não era suficiente para minar hábitos que em teoria possuíam algum vínculo com a monarquia, como o uso do calendário anglicano, nem a suposta divergência entre *imprimatur* e impressor levou à censura do panfleto.

Além disso, há outra forma na qual as guerras civis se fazem presentes na história de Mary Moore: a própria possibilidade de ela, enquanto mulher, buscar adentrar uma arena de discussão pública através da publicação desse panfleto. Segundo Elaine Hobby, durante o período das guerras civis, a contestação do poder régio abriu margem para a relativa contestação do

²³ No original: “[...] with her hands up, and eyes fixed upon her objects, begged Justice for the Lords sake, for Jesus Christs sake; saying I ought to command Justice by the Lawes of the Realme, in the name of our Sovereigne Lord the King, but I beg not in the name of any mortal man, but in the name of the King of Kings Justice for Christs sake, [...]”. Tradução da autora.

poder patriarcal em si, seu estruturante. Segundo a autora, os mesmos argumentos utilizados para justificar uma participação mais variada de homens nos assuntos políticos da Inglaterra, foram apropriados para dar suporte a ideia de que isso caberia também às mulheres (Hobby, 2001: 162). Uma amostragem disso, por exemplo, é o relativo alto número de mulheres que estão publicando profecias, petições e panfletos durante esse contexto: existem cerca de 80 impressos cuja autoria é atribuída a mulheres datando de 1640 a 1680, enquanto aparentemente existem evidências de que mais de 300 profetisas atuaram na Inglaterra entre 1640 e 1660, havendo produzido publicações ou não (Hobby, 2001: 163). Essa situação teria impulsionado as mulheres para a esfera pública, abrindo espaço para que elas também opinassem e veiculassem suas visões sobre os tormentos que afligiam a Inglaterra e seus reinos vizinhos:

A guerra liberou as mulheres no mundo público da controvérsia, no discurso e na escrita. Isso foi uma consequência dos muito inter-relacionados poder monárquico e masculino, que há muito eram utilizados para justificar um ao outro. No momento em que a autoridade do Rei foi questionada, a dos homens também caiu sob escrutínio, enquanto as mulheres tomaram a ação radical de estabelecerem conexões diretas com seu Deus, sem mediação por parte da igreja estatal e seus ministros. Entretanto, as mulheres não migraram para uma seita em particular, nem formaram sua própria seita separada. Ao invés disso, diferentes mulheres tomaram diferentes decisões, baseadas em seus próprios entendimentos sobre a vontade divina. O resultado disso é a rica variedade de escritos que foram publicados²⁴. (Hobby, 2001: 174).

Há aqui, portanto, a possibilidade de elencarmos outra hipótese para a *witch craze* inglesa ter aumentado mesmo apesar dos conflitos bélicos pelos quais a Inglaterra passava: além do grande volume de circulação de impressos e consequente maior disseminação de relatos de bruxaria, pode

²⁴ No original: "The war released women into the public world of contention, and into speech and writing. This was a consequence of very inter-relatedness of kingly and masculine power that had long been used to justify both. Once the King's authority was questioned, that of men also came under strain, as women made the radical move of connecting directly with their God, without mediation on the part of a state church and its ministers. Women did not, however, flock to a particular sect, or form their own separate one. Instead, different women made different decisions, based on their own understanding of divine will. The result is a rich variety of published writings". Tradução da autora.

ter havido um sentimento de maior necessidade de controlar essas mulheres que começavam a se aventurar pela esfera pública e pelo questionamento da ordem. Não que as ideias trazidas por essas mulheres carregassem necessariamente um ideário de “libertação feminina”, muito pelo contrário (Hobby, 2001: 164), mas o próprio protagonismo feminino no mundo dos impressos e da disseminação de opiniões sobre a política e religião inglesas era algo a ser desencorajado em uma sociedade onde o poder do estado dependia diretamente da manutenção da ordem patriarcal. Portanto, para compreendermos o desenvolvimento do fenômeno da caça às bruxas na Inglaterra do século XVII, é essencial nos atentarmos ao contexto criado pelos conflitos das Guerras dos Três Reinos, e os impactos específicos delas nas vidas das mulheres.

Ao levarmos em consideração essas múltiplas agências adotadas pelas mulheres durante os anos de guerras civis, associadas à proliferação dos impressos, torna-se mais fácil de compreender como Mary Moore pôde prosseguir com a publicação de seu panfleto apesar da ausência de apoio de seu marido. A esfera pública formada na Inglaterra seiscentista se mostrava como uma arena fértil de debate político (Lake; Pincus, 2006), onde a mobilização de paixões e representações passava a ocupar um lugar central dentro da estratégia política dos mais variados grupos que disputavam os rumos que deveriam ser tomados pela Inglaterra pós-regicídio. Tal contexto se apresentou, então, igualmente fortuito para a tentativa de Moore de angariar apoio frente ao que ela considerava ser uma injustiça.

É pontual, portanto, a forma como Moore mobiliza o imaginário sobre a associação entre mulheres e maternidade, imperativo dessa sociedade, ao longo de toda a construção narrativa do texto. Ainda que os afetados sejam seus filhos, Moore, de certa forma, ocupa o centro da narrativa, sendo diversas vezes reiterado que o objetivo de Swinow era afetar a mãe através das crianças. Há então o recurso às representações em torno da maternidade, da ideia da mãe zelosa que sofre em dobro qualquer aflição que atinja seus filhos, devido ao seu amor e devoção maternos. Da mesma forma que a ideia de natureza humana é uma construção social situada dentro de um determinado contexto de valores (Boddice, 2018: 10), o mesmo serve à

maternidade. Moore adentra então as disputas do simbólico, buscando acionar a função social das representações femininas ao buscar suscitar solidariedade à sua situação em seus leitores, mobilizando também emoções. Essa recorrência de Moore à esfera do simbólico para tentar resolver a questão do julgamento de Swinow reforça, por sua vez, as postulações de Bourdieu sobre como o simbólico não está dissociado do real; mas sim o compõe e estrutura.

Dessa forma, podemos concluir que *Wonderfull News from the North* nos diz muito sobre as possibilidades de agência que os eventos das Guerras dos Três Reinos criaram para as mulheres, ao cruzar questões como impressos, esfera pública e a mobilização estratégica de paixões e representações. Além disso, nos reforça a ideia de que para compreendermos adequadamente o fenômeno da *witch craze* inglesa seiscentista, precisamos nos atentar às reverberações que os conflitos das guerras civis tiveram para esses indivíduos. Afinal, as disputas travadas entre as forças do bem e do mal no corpo de uma criança de onze anos podem estar muito mais relacionadas às invasões e retomadas protagonizadas pelos exércitos parlamentarista e regalista, do que imaginamos.

Referências Bibliográficas

Fontes

MOORE, Mary. *Wonderfull News from the North [...]*. Londres, 1650. Coleção Thomason Tracts, Biblioteca Britânica.

Bibliografia

ALMOND, Philip C. *Demonic possession and exorcism in Early Modern England*. Contemporary Texts and their Cultural Contexts. Cambridge: Cambridge University Press: 2004.

BARNARD, John. "London Publishing, 1640-1660: Crisis, Continuity and Innovation". *Book History*, Baltimore, vol. 4, p. 1-16, 2001.

BODDICE, Rob. *The History of Emotions*. Manchester: Manchester University Press, 2018.

- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação masculina*. São Paulo: B. Brasil, 1999.
- _____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Algés: Difel, 2002.
- CLARK, Stuart. *Pensando com demônios*. São Paulo: Edusp, 2006.
- CLEGG, Cyndia. *Press Censorship in Caroline England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- CRESSY, David. *Literacy and the social order*. Reading and writing in Tudor and Stuart England. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- DOLAN, Frances E. *Dangerous familiars*. Representations of Domestic Crime in England, 1550-1700. Ithaca: Cornell University Press, 1994.
- FLETCHER, Anthony. *Gender, sex & subordination in England 1500-1800*. New Haven and London: Yale University Press, 1995.
- GREENBLAT, Stephen. *Ascensão e queda de Adão e Eva*. São Paulo: Cia. Das letras, 2018.
- HALASZ, Alexandra. *The marketplace of print: Pamphlets and the public sphere in early modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006
- HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HOBBY, Elaine. "Prophecy, enthusiasm and female pamphleteers". In: KEEBLE, N. H. (ed.). *The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 162 – 178.
- LAKE, Peter; PINCUS, Steve. "Rethinking the Public Sphere in Early Modern England". *Journal of British Studies*, Cambridge, vol. 45, n. 2, p. 270-292, 2006.
- LIEBEL, Silvia. *Les Médées modernes*. La cruauté féminine d'après les canards imprimés (1574-1651). Rennes: Presse Universitaires de Rennes, 2013.
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do Diabo, séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- NOTESTEIN, Wallace. *A History of Witchcraft in England, From 1558 to 1718*. Auckland: The Floating Press, 2013.

OSTLING, Michael, KOUNINE, Laura. "Introduction: 'Unbridled Passion' and the History of witchcraft". In: KOUNINE, L., OSTLING, M. (ed.). *Emotions in the history of witchcraft*. London: Palgrave Macmillan, 2016.

PURKISS, Diane. "Prophecy and Bewitchment in the Case of Margaret Muschamp". *Tulsa Studies in Women's Literature*, vol. 17, n. 2, 1998, p. 235-253.

SEEVER, P. S. "Downham, John (1571-1652)". *The Oxford Dictionary of National Biography*, 2008. Disponível em: <<https://0-www-oxforddnb-com.catalogue.wellcomelibrary.org/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-7978?rskey=0TcCEM&result=1>>. Acesso em: 24 de junho de 2019.

SHEPARD, Leslie. *The History of Street Literature. The Story of Broadside Ballads, Chapbooks, Proclamations, News-Sheets, Election Bills, Tracts, Pamphlets, Cocks, Catchpennies, and other Ephemera*. Newton Abbot: David & Charles, 1973.

THOMAS, Keith. *Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

USZKALO, Kirsten C. *Bewitched and Bedeviled. A Cognitive Approach to Embodiment in Early English Possession*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

WILTENBURG, Joy. *Disorderly Women and Female Power in the Street Literature of Early Modern England and Germany*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992.